

A CLASSIFICAÇÃO DECIMAL

SUA APLICAÇÃO AOS SERVIÇOS DE COMUNICAÇÕES E ARQUIVOS

MARCILIO VAZ TORRES

Oficial Administrativo do M. G. com exercício no D.A.S.P.

NA monografia que escrevi sobre a "RACIONALIZAÇÃO DOS SERVIÇOS DE COMUNICAÇÕES E ARQUIVOS", publicada na *Revista do Serviço Público* de agosto de 1940, ao apreciar o sistema decimal, idealizado pelo ilustre bibliófilo norte americano, Sr. Melvil Dewey, tive oportunidade de emitir a minha modesta opinião a respeito da *classificação decimal*, julgando-a ótima para as livrarias, boa para as bibliotecas e sofrível para os arquivos.

Nas livrarias, pela sua finalidade mercantil, a preocupação natural e quase exclusiva, é ter todas as obras separadas por espécie, não só para facilitar a venda, como os balanços. A fisionomia das estantes muda diariamente, em função do movimento comercial. Não há preocupação quanto à estética. Por isso, a classificação decimal, para esse fim, é ótima.

Nas bibliotecas, porém, a fisionomia das estantes é permanente e não impressiona bem uma arrumação de livros desalinhados, desiguais, sendo aconselhável dispor os volumes em ordem crescente, da esquerda para a direita e de cima para baixo, ficando os menores em cima e os maiores em baixo, sem variações bruscas, tornando-se quase desapercebida a diferença de altura dos volumes de uma para outra prateleira da mesma estante. No sistema decimal não é possível essa arrumação, pois, a rigor, já nas estantes deverá ser observada

a classificação e, assim, uma obra que conste de, por exemplo, um ou dois volumes de texto in-8.º e de um ou dois volumes de plantas ou pranchas in-4.º ou *in-folio*, deverá ter todos esses volumes, embora tão desiguais, reunidos na mesma prateleira, prejudicando permanentemente a estética da biblioteca para facilitar a consulta que, em muitos casos, não é feita nem uma vez por semana. Esta é uma das principais razões porque quasi todas as bibliotecas aproveitam a chave decimal, pela sua universalidade, para agrupar as obras ideograficamente em seus catálogos, mas procedem à arrumação e indicam a localização dos volumes por outros processos.

Para os arquivos e, de um modo geral, para os *serviços de comunicações*, fazendo cada qual a sua chave classificadora, o sistema decimal é caro, de difícil execução e sem vantagem prática, de vez que esta se caracteriza pela presteza de informação no "guichet". Seria, sem dúvida, interessante, embora seja uma tarefa difícil, a organização de uma chave classificadora única para todos os ministérios, na qual, por meio de determinantes fixos e sem descermos a minúcias desnecessárias, pudessemos evitar os números extensíssimos, tornando a classificação de fato mneumônica, de sorte que os funcionários pudessem reter facilmente os números dos assuntos, não só por serem pequenos, como, ainda, por serem os mesmos em toda parte.

Referindo-me ao número classificador de uma válvula para botijão de gases, já tido como "pesado" —

621.595.462.188.208.2.

mostrei que poderia desdobrar-se, dentro das regras, até

621.595.462.188.208.2 — (81)

X.836.724.532.03 — 5.

Não neguei, entretanto, que, teoricamente, o sistema seja ideal, afirmando tão somente que, na prática, é de difícil execução e que as modificações e adaptações que lhe são feitas, diferindo de um para outro ministério e de uma para outra repartição, tiram a sua principal característica — a universalidade.

Não concordei que fosse *mneumônico*, pois, facilmente, qualquer pessoa normal guardará e repetirá adiante, ouvindo uma única vez, a indicação

"Válvula para botijão de gases",

enquanto que somente uma pessoa de memória privilegiada poderia fazer o mesmo em relação ao número

621.595.462.188.208.2.

Alem disso, parece-me também, que não deve ser desprezada a observação que fiz quanto ao fato, aliás muito comum, do datilógrafo trocar ou bater na tecla com pouca força e, em consequência, notarmos a falta ou troca de uma letra, o que não tem grande importância e corrigiremos facilmente, em se tratando de letras, mas isso mesmo acontecendo em relação aos números, será um desastre, pois "um documento mal classificado, é um documento extraviado".

Os entusiastas da "Decimal Classification" acusam-me de excessiva severidade na apreciação do sistema.

Ao escrever a monografia em questão (setembro de 1939), não conhecia, ainda, as observações reunidas por A. Lima e publicadas no Boletim de informações da Biblioteca Militar (dezembro de 1939), relativamente à aceitação do *sistema decimal*.

Segundo afirma A. Lima, Leopold Deslile, diretor da Biblioteca Nacional de Paris, assim se pronunciou sobre a classificação decimal:

"O plano geral desse sistema, o conjunto e os pormenores tem-se baseado no sistema decimal, como o indica suficientemente o título: *Decimal Classifi-*

cation. E' isto que dá força aparente às teorias do Sr. Dewey. Infelizmente, o estudo dos fenômenos da natureza e dos acontecimentos da história; os frutos da atividade humana; os trabalhos científicos, artísticos e literários; os produtos do espírito ou da imaginação, estão longe de sempre se prestarem rigorosamente à divisão e sub-divisão decimais".

Da obra "Manuel pratique du bibliothecaire", de Léo Crozet (Paris, 1937), A. Lima traduziu e transcreveu o seguinte trecho:

"Sem a intenção de continuar a enumeração das desvantagens deste sistema, indicadas por Leopold Deslile, notemos, apenas, o seguinte:

1.º, que se não tendo desenvolvido regularmente, por séries de dez, todos os objetos do conhecimento humano, a classificação falseia, *a priori*, as relações naturais das cousas;

2.º, que um quadro rígido não convem a ciências em perpétua evolução;

3.º, que a classificação decimal, tal como foi concebida, devia ser aplicada não somente às fichas nas gavetas, mas também aos volumes nas estantes. Ora, a classificação metódica de um volume é, às vezes, impossível, seja porque trata de vários assuntos, seja pela complexidade do assunto que ele contém;

4.º, que a obrigação, para o bibliotecário que classifica um livro, e para o leitor que deseja encontrar determinado assunto, de procurar, num dicionário especial, a que índice decimal corresponde o assunto do livro, essa obrigação lhes impõe inutil perda de tempo e os faz incidir em erros na transcrição deste índice;

5.º, que quando desejamos fazer uma classificação precisa, nos encontramos diante de índices extraordinariamente complicados e difíceis de transcrever sem cometer erro e,

6.º, que, mesmo se o princípio de classificação decimal fosse admissível *a priori*, numerosas minúcias, para sua realização, introduzidas nesse sistema, deveriam ser modificadas afim de que pudesse ser racionalmente empregado em França. Perderia, assim, a classificação decimal, com a sua universalidade, a maior parte de seu interesse".

Diz, ainda, A. Lima, em suas informações relativamente ao uso da classificação decimal:

"Em 1893, a "Associação de Bibliotecários Americanos" fez um inquérito sobre os diferentes sistemas de classificação de que se servem as grandes bibliotecas deste país e chegou a este resultado: Das 191 bibliotecas que responderam, somente 15 tinham adotado o sistema decimal, ao passo que 89 se serviam do catálogo-dicionário. O grande bibliófilo de New-

York, Sr. Billings, diz que o sistema Dewey não foi introduzido nos Estados Unidos em nenhuma biblioteca universitária, exceto a de Albany, da qual Dewey era o bibliotecário-chefe. A biblioteca da Universidade de Colúmbia, em Nova York, empregava a classificação decimal enquanto Dewey foi seu diretor; mas, quando foi substituído o diretor, mudaram também o sistema, por apresentar uma imensidade de inconvenientes”.

Quanto à complicação dos números extensos, faz A. Lima a seguinte observação :

“A *Bibliografia das Ciências e da Indústria*, que indica o índice decimal de publicações recentes, dá para um “Manuel de soudure à l’arc” o índice :

621.791.7.052

que é relativamente simples. Mas uma obra sobre as “Aplicações industriais do PH” recebe o índice :

547.37.004.14:66/67,

e um “Estudo da circular de 19 de julho de 1934, sobre o emprego do betume armado”, corresponde ao índice :

669.982.004.24”1934:07.19”:341.712.

Num catálogo analítico, esta última obra seria designada simplesmente pela rubrica:

Betume Armado. Legislação. França. 1934, que o bibliotecário e o leitor encontram sem muito trabalho”.

Essas observações confirmam integralmente a minha apreciação sobre o sistema decimal. Vemos que todos acham a *classificação decimal* bem imaginada, porém não a aconselham pelas dificuldades que apresenta, quer para o Bibliotecário, quer para o consulente.

No prefácio de sua “Classificação Decimal Universal”, simplificada para uso da Biblioteca do M.R.E., o Dr. Jango Fischer, dentre outras, faz a seguinte observação :

“O myxoedema congenital é 616.89-008.454.6-02:616-008.64. Felizmente não há tratamento médico-pedagógico para tal idiotismo myxoedematoso de Bournonville; do contrário, seria preciso acrescentar mais 17 algarismos e formar “astronomicamente”

o seguinte número para classificar um livro sobre esse assunto :

616.89-008.454.6-02:616-008.64-008.454-053.2-085.851.9.”

O próprio Barão Ramiz Galvão, que foi o introdutor da classificação decimal no Brasil, ao organizar, em 1895, o catálogo do Real Gabinete de Leitura Português, advertiu:

“Cada qual fica dispensado de refazer para seu uso pessoal esse trabalho, que exige conhecimentos enciclopédicos e extensos”.

Ora, se essas dificuldades se apresentam na aplicação desse sistema no fim especial para que foi idealizado, é fácil imaginar o embaraço e acúmulo de serviço nos protocolos, onde o *classificador*, num tempo muitas vezes menor que o do Bibliotecário, deverá classificar todos os documentos entrados, sem contar, para isso, com os determinantes fixos para todas as classes e na maioria dos casos, não dispondo dos “conhecimentos enciclopédicos e extensos”.

Todavia, como disse de início, a organização de um *Código classificador* simples e único para todos os Ministérios, seria um trabalho difícil, mas não impossível. Um Código nessas condições, que pusesse de parte os excessos de minúcias, que dificultam o serviço sem vantagem prática, para que só excepcionalmente viéssemos a encontrar números classificadores com mais de seis algarismos, seria um valioso elemento para a desejada uniformização dos nossos serviços de comunicações e arquivos.

Por outro lado, também não deveríamos abusar dos sinais, usando, quando muito, os indicadores de relação ou referência.

Dessa forma, evitados os inconvenientes apontados, creio que seria possível organizarmos, aproveitando o sistema decimal, uma classificação realmente *mneumônica* e que, por ser única, teria, no fim de alguns anos, familiarizados com os seus números, não somente os funcionários, mas o próprio público interessado em obter informações rápidas e precisas.